

## **CORPO, GÊNERO E CAPOEIRA: EXPERIÊNCIAS AUTOETNOGRÁFICAS A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS**

**Recebido em:** 14/04/2021

**Aprovado em:** 01/10/2021

Licença: 

*Pâmela Figueiredo Barbosa de Araújo*

*Mauro José de Souza*

*Vitor Hugo Marani*

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

Pontal do Araguaia – MT – Brasil

**RESUMO:** Mediante inspirações feministas nos Estudos Culturais Físicos este estudo analisa, por meio de relato autoetnográfico, experiências junto ao Grupo Abadá Capoeira do Vale do Araguaia, problematizando questões sobre corpo, gênero e capoeira, a partir das relações de poder presentes nessa manifestação. As experiências advêm da participação da primeira autora no referido grupo desde 1996, e são tomadas como elementos empíricos para leituras autorreflexivas. Por meio da autoetnografia, houve a construção de quatro categorias, as quais apontam para a produção da ginga de mulheres como possibilidade de subversão de relações de poder que integram a capoeira. Como resultado, destacamos que as narrativas auxiliam no entendimento acerca das relações de poder que atravessam a capoeira de modo a servir de aporte para aqueles que integram essa manifestação corporal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo humano. Estudos culturais físicos. Gênero. Artes marciais.

### **BODY, GENDER AND CAPOEIRA: AUTOETHNOGRAPHIC READINGS FROM PHYSICAL CULTURAL STUDIES**

**ABSTRACT:** Through feminist inspirations in Physical Cultural Studies, this study analyzes, through an auto-ethnographic report, experiences with the Abadá Capoeira Group of Vale do Araguaia, problematizing questions about body, gender and capoeira, based on the power relations present in this manifestation. The experiences come from the participation of the first author in that group since 1996, and are taken as empirical elements for self-reflective readings. Through self-ethnography, four categories were constructed, which point to the production of women's ginga as a possibility of subversion of power relations that integrate capoeira. As a result, we highlight that the narratives help to understand the power relations that go through capoeira in order to serve as input for those who integrate this bodily manifestation.

**KEYWORDS:** Human body. Physical cultural studies. Gender. Martial arts.

## **Introdução**

Neste estudo, buscamos analisar as relações entre corpo, gênero e capoeira, por meio de memórias decorrentes de experiências junto ao Grupo Abadá –Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira no Vale do Araguaia, região Centro-Oeste do Brasil. Para tanto, foram lembradas experiências corporais que integraram a participação da primeira autora no referido grupo desde o ano de 1996, as quais são tomadas como elementos empíricos para que leituras autorreflexivas das relações entre corpo, gênero e capoeira pudessem ser analisadas.

As leituras propostas foram inspiradas em produções feministas (RICH, 2011; THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011; OLIVE, 2017; RICH; SANDLIN, 2017; THORPE; MARFEL, 2019) que decorrem da abordagem intitulada Estudos Culturais Físicos (ECF)<sup>1</sup> – conhecida, internacionalmente, como *Physical Cultural Studies* –, preocupadas com a identificação, análise e intervenção junto às relações de poder que atravessam o corpo em interfaces com a cultura (ANDREWS; SILK, 2015). De acordo com Silk, Andrews e Thorpe (2017), essa abordagem surgiu, inicialmente, em países de língua inglesa, com o intuito de examinar diferentes expressões da cultura física<sup>2</sup> a partir do modo como são atravessadas por marcadores sociais de diferença, tais como classe, etnia, raça, gênero, sexualidade, geração, entre outros (SILK; ANDREWS, 2011; ANDREWS, 2008).

---

<sup>1</sup> A aproximação com esse campo ocorreu, em 2018, por meio de discussões que faziam parte do projeto institucional [nome do projeto omitido], coordenado pelo [nome omitido], na [instituição omitida].

<sup>2</sup> A expressão “cultura física”, segundo Andrews (2008), refere-se às múltiplas expressões do corpo na cultura, como a dança, a ginástica, as expressões de lazer, do universo fitness e que, por conta disso, não estão restritas ao esporte. Inicialmente, a Sociologia do Esporte foi tomada como área propulsora das discussões sociais e culturais nas universidades norte-americanas, porém, Andrews (2008) questiona o termo “esporte” como objeto empírico na área. A partir dessa crítica, houve uma migração de pesquisadores/as e estudiosos/as do esporte que passaram a investigar a “cultura física” dentro de uma esfera intelectual em um processo conhecido como “virada cultural”, ocorrida década de 1980, no interior da própria sociologia. Isso fez com que várias pesquisas passassem a investigar a cultura física como objeto empírico essencial para tratar da constituição subjetiva dos corpos e desconstruir a limitação do esporte (ANDREWS, 2008; SILK; ANDREWS, 2011).

Como efeito da luta disciplinar dentro dos departamentos de Cinesiologia em universidades norte-americanas no período pós-guerra (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017), os ECF procuraram demarcar a subárea sociocultural no cenário universitário, sobretudo, a partir do diálogo com as ciências humanas, posicionando-se contra o predomínio da subárea biodinâmica e de métodos científicos relacionados ao positivismo e às ciências naturais, como explica Andrews (2008). Como campo de investigação, a adoção de tal perspectiva busca compreender a cultura física e o corpo que nela se materializa mediante relações de poder (SILK; ANDREWS, 2011).

Nos ECF, a compreensão do corpo ocorre a partir de significados dependentes e condicionados às especificidades dos contextos sociais, políticos, econômicos, tecnológicos e educacionais que moldam as formas como sujeitos expressam-se (SILK; ANDREWS, 2011; LARA; RICH, 2017; LARA et al., 2019). Assim, há o impulso para a desnaturalização de diferentes corpos, uma vez que tal categoria para a ser um “acontecimento” de problematização de desigualdades sociais (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Dessa sensibilidade investigativa, tomamos as contribuições de Andrews (2008) para pensarmos a capoeira e as relações de gênero que nela estão sendo materializadas em meio à abordagens que não se limitam a generalização da cultura (ANDREWS, 2008). Dito de outro modo, buscamos expressar elementos empíricos que se esforcem na identificação e análise das relações de poder para, possivelmente, intervirmos de modo a produzir mudanças sociais, como preconizam os Estudos Culturais Físicos.

Por meio dessa abordagem, a capoeira passou a ser um local em que elementos culturais não estavam posicionados a partir da neutralidade, ao contrário, lançavam posições de disputas, lutas e negociações diárias. No que diz respeito à capoeira, Santos (2010) ressalta essa expressão como símbolo político-cultural brasileiro, dada suas

relações com a história do país, em especial, a partir do regime escravocrata, responsável pela imigração forçada de negros/as do continente africano. A propriedade histórica que trata a capoeira, como informa Santos (2010), ressalta-a como luta de resistência, o que nos permite refleti-la sobre as relações que permeiam a sociedade, em especial, as condições de desigualdade. Atualmente, embora, seja reconhecida como patrimônio imaterial brasileiro, muitas disputas culturais podem ser visualizadas nessa manifestação, o que a posiciona de forma marginalizada, haja vista sua construção identitária no seio das relações étnico-raciais do Brasil (SANTOS, 2010).

De acordo com Silva e Darido (2017), a capoeira<sup>3</sup> surgiu como forma de resistência durante o período colonial visto que o Brasil foi uma nação escravocrata que aprisionou negros/as de diferentes regiões da África. Ao chegarem ao Brasil, segundo Braga e Saldanha (2014), seguiam com longas jornadas de trabalho, possuíam instalações precárias (senzalas), usavam vestimentas maltrapilhas e as condições de higiene eram péssimas. Como resposta a essa forma de vida, os/as escravizados/das tentavam fugir ou negavam-se a realizar trabalhos e, dessa forma, eram repreendidos/as por capatazes (BRAGA; SALDANHA, 2014).

Na condição de escravizados/das e dentro das limitações impostas pelo sistema que vigorava naquele período, eles/as tinham que recorrer a utilização do próprio corpo. Daí, a partir da união de movimentos que conheciam, criavam, segundo Silva e Darido (2017), formas de luta para resistir às imposições já que não possuíam armas. Ainda, esses encontros de resistência serviam para que se reuniam em grupos e aproveitavam os poucos momentos de folga para dançar, realizar suas práticas culturais e religiosas (SILVA; DARIDO, 2017).

---

<sup>3</sup> Quanto à nomenclatura, Braga e Saldanha (2014, p.8) explicam que “se deu por meio do cesto de palha entrelaçada que era carregado pelos escravizados na cabeça, denominado “caapo”, de origem “tupí-guaraní”, sendo o carregador do cesto o “eiró”.

Segundo Silva e Darido (2017), os/as negros/as introduziram a ginga, a música e outros movimentos ritmados junto aos golpes e elementos culturais trazendo dessa maneira características a essa manifestação de forma que ela muitas vezes se apresentava como dança para que não fosse evidente ameaça em sua real finalidade que era a de luta e resistência a um regime imposto. Contudo, segundo Silva e Darido (2017) sua prática acontecia em momentos de distração dos senhores de engenho como maneira de camuflar sua real finalidade.

O impacto circunstancial da abolição da escravatura, a partir de 1888, permitiu que a capoeira tomasse outra dimensão, tornando-se o meio de sobrevivência de escravizados/das que a partir daquele momento, se viram condicionados ao novo sistema econômico, o que os levou a integrar parte da população urbana e usar da sua luta para manter seu sustento (SANTOS, 2010). Segundo o autor, a ideologia construída naquele período gerou discriminação e perseguição contra as práticas realizadas pelos negros visando acabar com manifestações religiosas, culturais e a própria capoeira por motivos de indignação da classe dominante.

A capoeira ainda é considerada como uma prática marginalizada que desde seu surgimento nas rodas dos escravizados, foi sendo (re)significada ao longo dos anos, sendo apropriada como jogo, como dança, como luta para defesa pessoal, entre outros sentidos (SANTOS, 2010; LOTT, 2018). Logo, a identidade da capoeira, na atualidade, retrata possibilidades de discussões que envolvam diversas relações de poder, dada sua condição instrumento de intervenção que materializa discussões relacionadas, centralmente (mas, não somente), às questões étnico-raciais e de gênero, as quais são atravessadas por relações de poder (FOUCAULT, 2021).

Quanto às discussões de gênero, Goellner (2013) explica que o termo passou a ser potencializado como categoria analítica desde a década de 1970, o que quer dizer

que, gradativamente, deixou de ser uma categoria interpretada como algo “natural”, referindo-se, assim, a uma construção social, cultural e histórica. Assim, gênero é tomado, nesse estudo, como elemento da identidade de sujeitos em interface com a cultura, não possuindo essências fixas de produção (GOELLNER, 2013). A partir desse reconhecimento, Goellner (2013) sugere que fundamentos e recomendações que se constituem a partir das diferenças entre homens e mulheres, em especial, àqueles direcionados às práticas corporais, sejam questionados e, logo, analisados, como produzimos construir a partir dessa investigação.

A investigação acerca da categoria de gênero foi selecionada com a proposta de fazer uma autorreflexão da presença da mulher na capoeira, em especial, no que diz respeito às problemáticas que perpassam essa manifestação. Junto a esse processo, é importante destacar o fato de que a representação tradicional da capoeira foi demarcada pela predominância masculina, embora essa demarcação esteja sendo modificada a partir de sua ressignificação, como apontam os estudos de Oliveira e Leal (2009) e Martins et al. (2021). Mesmo com essa identificação, a predominância masculina ainda é a realidade atual de muitos centros de ensino que trabalham com a capoeira dentro de diferentes contextos.

Nesse sentido, buscamos inserir essa pesquisa no campo interseccional de gênero e raça, de modo a investigar como corpos, historicamente produzidos, constituem-se a partir de um dado tempo-espaço cultural: a capoeira. A partir dos ECF, visualizamos possíveis contribuições para reconhecer o corpo de mulheres que fazem parte da capoeira a partir de contestações e/ou afirmações de desigualdades e/ou privilégios. Assim, visualizamos a capoeira como território político, capaz de acionar o exercício de reflexividade, subvertendo, como discutiu Butler (2018), normas de gênero ligadas à identidade estável do “feminino”.

Com as problemáticas elencadas, algumas inquietações passaram a fazer parte do desenho investigativo, quais sejam: como corpos de mulheres são experienciados na capoeira?; e, quais as relações de poder que fazem parte da experiência corporal de mulheres que fazem capoeira? Resultante dessas questões, o trabalho buscou analisar as relações entre corpo, gênero e capoeira, por meio de memórias decorrentes de experiências junto ao Grupo Abadá – Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira no Vale do Araguaia, região Centro-Oeste do Brasil.

### **Metodologia**

Os Estudos Culturais Físicos estruturam-se como projeto intelectual transdisciplinar, dinâmico e autorreflexivo, construído, de acordo com Silk, Andrews e Thorpe (2017), a partir de formas críticas e qualitativas de investigação. Dentre as contribuições dos ECF, passamos a nos atentar, conforme explicam Giardina e Newman (2011) e King-White (2017), à função social das nossas pesquisas. Ao fazermos isso, intentamos reconhecer o corpo como central na agenda teórica e interventora de nossas ações, tornando-os visibilizados em diálogo com outros corpos que não ocupam a posição central da sociedade.

Como desenho metodológico, utilizamos as experiências corporais da primeira autora como maneira de rememorar experiências na capoeira. Para tanto, houve elaboração de relatos autoetnográficos de sua trajetória, desde o ano de 1996, no interior do grupo de capoeira de uma cidade do interior do estado de Mato Grosso. Esse formato foi utilizado seguindo orientações de Marani (2019), ao descrever como pesquisadores/as dos ECF têm apontado para a necessidade de investigações que posicionem a autoria no interior do texto, fazendo com que o corpo (autoral) seja

(re)conhecido, logo, visibilizado ao longo da escrita de um texto (GIARDINA; NEWMAN, 2011; KING-WHITE, 2017).

Nesse sentido, a pesquisa narrativa, seguindo as contribuições de Markula e Denison (2005), foi composta pelas memórias pessoais da primeira autora, posicionando-a como pesquisadora reflexiva a partir de suas experiências no âmbito da capoeira, em especial, por meio de relatos cujo foco estivesse nas relações de gênero experienciadas desde seu ingresso, em 1996, no Grupo Capoeira, na região do Vale do Araguaia. Como resultado, a escrita das análises deu-se em primeira pessoa no singular, de modo a evidenciar o “eu”, a partir de discussões críticas, autoconscientes e participativas, “engajadas com a ideia de que há o (re)conhecimento do poder da função autoral” (MARANI, 2019, p. 38), buscando posicionamentos por meio do papel político e do engajamento à realidade investigativa.

Por meio do estudo autoetnográfico (SPRY, 2001), a referida autora rememorou episódios que integraram seu percurso na capoeira que, outrora, não haviam sido questionados e que, na pesquisa, ganharam novos contornos. Das narrativas, foram destacadas experiências que emergiram no texto com mais ênfase, as quais foram discutidas, analisadas e (re)visitadas junto aos demais autores da investigação, o que levou à construção de quatro categorias, a saber: a) O início da roda: Sinhá e a força da mulher na capoeira; b) O Grupo Abadá e a produção de corpos de mulheres na capoeira; c) Das gingas coletivas: experiências no X Evento Encontro Feminino de Capoeira; e, d) Vislumbrando novos horizontes: identidade, gênero e relações étnico-raciais.

A análise dos dados ocorreu a partir do confronto entre os relatos construídos e os referenciais teóricos que pudessem contribuir para a discussão dos dados, de modo a produzir rupturas às desigualdades e injustiças presentes no campo da cultura física (GIARDINA; NEWMAN, 2011). Do exercício de descrição de experiências na

capoeira, houve aporte para que passagens relevantes fossem tematizadas a partir da reflexividade da autora, o que permitiu perceber os jogos de poder que atravessaram/atravessam seu corpo junto à capoeira.

### **Notas Autoetnográficas da/na Capoeira: Leituras sobre Corpo, Cultura e Poder**

Nesse momento, construo<sup>4</sup> o exercício de revisitar certas experiências que contribuíram para a minha constituição identitária como mulher, negra, heterossexual, de classe média – o que me permitiu distinguir privilégios e desvantagens a partir dos demarcadores que integram meu corpo<sup>5</sup> – no contexto da capoeira, desafiando aspectos que anteriormente não haviam sido questionados ou explorados em minha subjetividade, como sugeriram Thorpe, Barbour e Bruce (2011).

Daí o presente tópico dizer respeito às imersões autoetnográficas que procuram situar minhas experiências na capoeira por meio de processos autorreflexivos. Por isso, recorro a uma retrospectiva das experiências corporais vivenciadas junto ao Grupo Abadá Capoeira no Vale do Araguaia, que desenvolve um trabalho na região há 25 anos, para compartilhar como tais experiências contribuíram para constituição da minha subjetividade como mulher e também por hoje direcionarem minha pesquisa e relato de momentos que representam fases importantes que fizeram e representam parte da materialização do meu corpo, em especial, a partir dos estudos das dimensões culturais relacionadas a ele.

---

<sup>4</sup> Como informado na metodologia, a análise será realizada em primeira pessoa no singular dada a estrutura metodológica que compõe a pesquisa autoetnográfica (SPRY, 2001).

<sup>5</sup> Entendo, a partir das contribuições de Marani (2019), que meu corpo necessita ser inserido na agenda teórica, metodológica e prática do ato de pesquisa, como forma de se apontar para caminhos sustentáveis que consigam subverter estruturas de poder contemporâneas presentes na capoeira e na forma como relações de gênero constituem-se nesse tempo-espço. Daí ser possível visualizar o corpo como espaço de reprodução social e cultural e, de igual maneira, como local no qual rupturas sociais possam ser produzidas por meio de ações alternativas, desestabilizadoras e resistentes, estabelecendo local de contestações e lutas contínuas.

## **O Início da Roda: Sinhá e a Força da Mulher na Capoeira**

Meu contato com a capoeira surgiu por influência familiar, meus pais e meus tios já haviam praticado, no entanto, apenas minha tia – conhecida como “Sinhá” – deu continuidade e, atualmente, é quem direciona o trabalho do Grupo Abadá no Vale do Araguaia, juntamente com o “Instrutor Catitu”. Ela iniciou sua trajetória no universo capoeirístico em meados dos anos de 1980 com o “Professor Jaguar”, no espaço do CCRH, localizado na cidade de Barra do Garças, no interior do Mato Grosso. Após esse período, passou a integrar o grupo Abadá Capoeira, a partir de 1994 e, vem desenvolvendo atividades culturais na cidade, há 25 anos.

Foi ela, a “Sinhá”, quem me incentivou a frequentar as aulas de capoeira. Incentivou também meu irmão e primos que são parte do grupo até os dias de hoje. Lembro-me que, quando criança, frequentava os centros de ensino apenas acompanhando minha tia para observar os treinos e apresentações. Recordo a quantidade de homens presentes nas rodas e, claro, a presença da minha tia que, de certa maneira, destoava das relações postas naquela realidade. Mesmo assim, o enfrentamento ocorria por meio de diversas lutas disputadas com outros homens, num universo predominantemente, masculino, atravessado por determinações de gênero.

Eliza Albuquerque (2016), ao discutir a masculinização na capoeira, evidencia que o universo capoeirístico não esteve imune aos estigmas sociais de gênero. Muitas vezes, as mulheres dentro dessa conquista de espaço e da busca pelo reconhecimento e ascensão dentro da capoeira foram encaradas como invasoras (ALBUQUERQUE, 2016). É certo que, para estar presente no meio da capoeiragem, era preciso criar uma ruptura com a normatização do espaço masculinizado e universo codificado pela cultura masculina (OLIVEIRA; LEAL, 2009). Daí pensar na presença da minha tia na capoeira,

desde a década de 1980, como um elemento transgressor e desafiante para aquele período.

Como explica Pinheiro (2019, p. 1),

[...] a capoeira desde seu conhecimento na sociedade brasileira, até meados da década de 1990, foi um espaço predominantemente marcado pela presença masculina, onde a atuação das mulheres foram invisibilizadas e silenciadas pelo discurso tradicional feito pelos homens (PINHEIRO, 2019, p. 1).

É importante destacar que ter a figura da “Professora Sinhá” a frente do trabalho, e o fato dela ser a única entre três irmãos a dar continuidade com a prática, demonstra a superação de muitas barreiras das relações de poder (homem-mulher) postas ao longo do percurso. Para mim, essa construção refletiu como a representação de mulher que eu tinha e que queria ser. Sou parte da desconstrução gradual de paradigmas e barreiras que ainda existem na capoeira relacionadas à participação feminina, dadas as condições históricas, sociais e políticas que a produziram no contexto brasileiro.

De modo geral, a capoeira é uma manifestação de raízes africanas marcada por elementos gestuais, dançantes, rítmicos, pela musicalidade que traz narrativas que descreve representações reais de relações de poder. As transformações históricas moldaram a capoeira sem que ela perdesse suas características principais no que diz respeito à gestualidade, ao ataque e à defesa, que demonstra o ato da luta, códigos e rituais que mantêm a realização da roda ao som de uma orquestra instrumental acompanhada por berimbaus, atabaque, pandeiros, agogô que em junção ditam o ritmo específico acompanhado de canto e palmas (SILVA; DARIDO, 2017).

Em relação à predominância masculina, Oliveira e Leal (2009) afirmam que a prática da capoeira, nas primeiras décadas do século XX, na Bahia, é caracterizada pela valentia e elementos essencialmente masculinos. A partir desse entendimento, associam à capoeira ao homem, pois, consideram elementos tomados socialmente como

“masculinos” a exemplo do biótipo e do contato físico da luta corporal. No entanto, há registros sobre a presença de mulheres dentro da capoeira, como é o caso de “Salomé”, personagem da memória da capoeira baiana.

No contexto de hegemonia masculina, houve presença de algumas mulheres vanguardistas, que no século XIX já frequentavam as rodas de capoeira na Bahia, sendo objetos de pesquisa de historiadores, tais como: Maria Felipa de Oliveira, Maria doze homens e Salomé (GLÓRIA, 2010, p. 6).

A predominância masculina contribuiu para a invisibilidade das mulheres, o que, segundo Oliveira e Leal (2009), fazia com que mulheres se impusesse por meio da violência física para se afirmar como dignas de estarem ali. Em Belém, por exemplo, muitas notícias descrevem o uso de navalhas, facas e cacetes por parte de mulheres que faziam capoeira na cidade (OLIVEIRA; LEAL, 2009). Para os autores, “fatos como estes também foram identificados em nossa investigação, o que representa a possibilidade da presença de mulheres no universo da capoeiragem baiana” (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 119).

A capoeira é como uma tradição passada de pai para filho na minha família, pois quando iniciei outros membros da família iniciaram, após esse momento outros passaram a fazer parte também, logo vizinhos também começaram a nos acompanhar. Meu ingresso oficial na capoeira ocorreu a partir dos meus seis anos de idade em um projeto social que acontecia no espaço do Centro de Convivência, na cidade de Aragarças-GO. Nesse projeto, no qual “Sinhá” era professora, comecei a desenvolver minhas primeiras incursões pela ginga em meio às rodas me inspirando na figura feminina para a construção de minha subjetividade e tendo a capoeira como instrumento de integração.

## **O Grupo Abadá e a Produção de Corpos de Mulheres na Capoeira**

O artigo de Pereira e Marchi Júnior (2019) contribui com a ideia de que há relevância da figura feminina na ocupação de espaços e destaca já haver mestras, professoras, no Brasil e também no mundo, e é notável que a defasagem numérica esteja diminuindo. Conforme a ressignificação acontecia a prática atingia novos públicos. Em especial, a partir do surgimento da Capoeira Regional, criada por “Mestre Bimba”, houve uma sistematização da prática que visava atingir diversos públicos, e a partir daí a figura da mulher passa a ter certa visibilidade. Pereira e Marchi Júnior (2019) consideram que a participação das mulheres nas rodas com tempo deixa de ser uma novidade, mas que nem sempre essa participação feminina foi considerada e encarada de forma natural e ainda há formas de resistência presentes nesse meio.

Reconhecer e visualizar a mulher presente em registros históricos, estudos e à frente de trabalhos estimula a representatividade feminina. Com base na reflexão acerca da importância da figura feminina e o poder que ela exerce, Albuquerque (2016) destaca que a imagem das mulheres ocupando espaço significativos torna-se modelo de referência feminina que contribui para que outras mulheres se identificassem e visualizem a prática como acessível e possível pela desconstrução da representação da masculinidade.

Existe uma contribuição e relevância que a presença feminina exerce no meio, como forma de desconstrução de estereótipos que acontece através da reflexão e percepção sobre diversas formas de representações. Segundo Albuquerque (2016), a partir da inserção da presença feminina no universo da capoeiragem se inicia a desconstrução da lógica de que a prática é exclusivamente masculina e a tradição passa a ser construída e moldada tendo a participação feminina como parte desse processo de ruptura.

Sempre foi evidente para mim a segregação presente dentro de muitos espaços de treinamento, não apenas a partir do momento que comecei a treinar, em 1996, mas principalmente quando realizo uma retrospectiva recorrendo a fotos, filmagens e ouvindo as histórias de pessoas que integraram períodos anteriores ao meu. Ao recorrer à história, Pinheiro (2019) explica que, predominantemente, o público masculino era maior devido às finalidades que envolviam a luta dos escravizados que utilizavam a força do seu próprio corpo como instrumento de confronto, visto que não possuíam armas. Essas habilidades, segundo Pinheiro (2019), sempre foram relacionadas como naturais do corpo masculino e, conforme o tempo, isso fortaleceu alguns paradigmas relacionados à invisibilidade da mulher na prática da capoeira. Em complemento,

[...] quando falamos da mulher e, em especial, da representação do corpo feminino na capoeira, podemos pensar que a relação “mulher x esporte” reflete, em parte, a luta travada na busca de uma nova construção do que deveria ser esse corpo, essa nova mulher, que se desvencilhe da imagem estigmatizada de submissa, servil, obediente e reprodutora (PEREIRA; MARCHI JÚNIOR, 2019, p. 5).

O Grupo Abadá desenvolve um trabalho voltado para razões sociais, um desses trabalhos busca incentivar o engajamento feminino como a maneira de contestar essas noções fixas em relação à feminilidade. Para tanto, o Grupo procura estimular através de discussões e eventos, a participação e inserção da mulher na capoeira. Dessa dinâmica, discutimos experiências e dificuldades pela condição de ser mulher, compartilhar relatos sobre a jornada dupla, sobre a violência doméstica, estupros, e a falta de reconhecimento. Além desses aspectos, procuramos focar nas conquistas construídas a partir de todas essas vivências dentro da capoeira que impulsiona parte da construção desse engajamento.

Em uma perspectiva mais local, a integração e engajamento feminino no Vale do Araguaia são significativos, pois hoje, nós mulheres representamos 65% dos membros do Grupo Abadá no Vale do Araguaia, e são pequenas coisas que influenciam a

participação feminina nos centros de ensino e também no que estimula a permanência delas. Na pesquisa de Arcangelo (2019) a partir da aplicação de questionários em busca de desenvolver um levantamento geral do grupo Abadá Capoeira no Vale do Araguaia mostrou que a participação feminina é massiva e um fator positivo visto que as mulheres representam 65% dos membros fazendo com que o grupo seja considerado um dos maiores da Região Centro-Oeste quanto a representatividade feminina.

Olhar para a participação de cada uma é ver etapas que eu passei e que ainda estou passando, envolve o receio que tive no começo em entrar na roda, em tocar um instrumento, em cantar pra fora, e também em conduzir não apenas o ritmo, mas a música, isso mesmo depois de anos dentro da capoeira é algo que estou trabalhando, e agora principalmente, ao reconhecer a importância da representatividade para a inserção de novas integrantes, é algo que deve partir primeiramente de nós mulheres, e cada uma de nós fortalecemos ou enfraquecemos quem está ao nosso lado, e hoje me sinto fortalecida.

### **Das Gingas Coletivas: Experiências no X Evento Encontro Feminino de Capoeira**

No ano de 2019, entre os dias 24 e 26 de maio, a “Instrutora Sinhá”, uma graduada do nosso centro de ensino e eu pudemos estar presentes no X Evento Encontro Feminino, realizado no Município de Cachoeiras de Macacu, no interior do Estado do Rio de Janeiro. Foi a décima edição do evento e minha primeira participação. Ao chegar na entrada do Centro Educacional Mestre Bimba (CEMB), local onde é realizado o Encontro Feminino, antes mesmo de entrar pude ver que aquele era um espaço de conquistas. Em primeiro momento, era possível notar a ausência de figuras masculinas, o que convidava à subversão à própria história da capoeira, delineando novos caminhos, construindo espaços de visibilidade.

Em segundo momento, percebi a presença de poucos homens que se faziam presentes no espaço, mas entre eles Mestres e técnicos de som que auxiliaram durante os três dias de evento. A todo o momento, a presença feminina foi o foco, tornando-se responsável por uma representatividade significativa que se manteve durante aqueles três dias. Por meio dessa experiência, pude compreender o quanto é importante a força coletiva e comungar de algo em comum, pois, identifiquei-me muitas vezes com as mesmas dificuldades de outras mulheres.

A proporção e importância desse evento eram maiores do que imaginei, me via a todo momento em processos de *embodiment*, me apropriando das experiências que me proporcionam valores, reflexões e consciência do papel da mulher na capoeira. Com isso, tornou-se latente a ideia de que, como explica Albuquerque (2016, p. 32), “o histórico de luta das mulheres para ascender na capoeira, vai ao encontro da própria história de lutas das mulheres em busca de seu espaço, de seus direitos, em busca de voz”. Nesse caso, dentro de um contexto em que pude enxergar distintas realidades e uma mesma luta, a construção de locais de fala, de troca e de fortalecimento.

O X Encontro Feminino contou com a presença de Professoras, Instrutoras e alunas de diversos Estados do Brasil, muitas mães, casadas, e a dificuldade delas em acompanhar os eventos e treinos era notável, por isso havia espaços específicos para as crianças no CEMB. Durante a realização das atividades, enquanto elas ensaiavam, treinavam ou faziam cursos, umas ajudavam as outras, ficando com as crianças e revezando a participação nas atividades. Foram realizadas competições, apresentações de canto, teatro, apresentações de manifestações da cultura afro-brasileira como: maculelê, samba de roda, jongo, frevo, carimbó, entre outras.

Por mais que nós mulheres que fazemos parte da capoeira já estamos inseridas, há o preconceito de que não conseguimos formar e realizar uma roda sozinhas. Por isso,

nesse evento, reside a importância em se poder comandar a orquestra sem a presença de um homem auxiliando. Naquele momento, o ritmo, as palmas e as vozes que ouvi tinham forças imensas, vozes femininas cantando suas diferentes trajetórias, com certeza com muitas dificuldades, mas que a expressão do sorriso que trocamos mostrava de forma visível muita superação. E, a partir desse jogo, fortalecemo-nos, como mulheres.

Segundo Pinheiro (2019), a roda de capoeira é um espaço caracterizado por ser o local do rito que representa o contato, o momento de comunicação do capoeirista e ele acontece através do canto, do jogo, do tocar. É esse um espaço simbólico, no qual o jogo, a gestualidade e o canto emitem significados e interpretações. Por isso, trago a importância desse momento, visto por mim como um espaço de desconstrução de um ritual que se afirma como importante na dinâmica do jogo na capoeira.

Ainda, é importante destacar as relações das músicas e as representações da mulher nessas canções. A partir dessas experiências, percebo a produção de discursos, as músicas fortalecem essas representações, por isso não as canto mais. Em relação a esses discursos, Pereira e Marchi Júnior (2019) por meio de análise das letras de algumas músicas que é um dos elementos da capoeira, observam que a mulher é exposta com menosprezo. Essas representações contribuem com a influência e reforço de valores sociais e morais ao retratar a mulher com inferioridade, a colocando como objeto de prazer sexual. Já o homem nas letras analisadas aparece como aquele que dita às normas, que determina regras, que controla o comportamento das mulheres ou exerce algum controle sobre elas (BARBOSA, 2011 apud PEREIRA; MARCHI JÚNIOR, 2019).

A construção dos discursos dentro de determinados espaços busca a necessidades de diferenciação, a partir disso os agentes são distinguidos neste mercado

simbólico. Segundo Magalhães Filho (2011), o conteúdo desses discursos está ligado ao lugar ocupado na estrutura do campo: mostra aqueles que se encontram em uma situação dominante e os que estão dominados. Aos que são dominantes tendem a fortalecer sua legitimidade, enquanto os que ocupam posições de dominados buscam lutar pela subversão da ordem instituída (MAGALHÃES FILHO, 2011).

Oliveira e Leal (2009), a partir de seu trabalho, observaram que o engajamento feminino dentro da capoeira tem empoderado mulheres que passaram a desenvolver ações significativas de criar e recriar um repertório próprio e cantado por elas nas rodas. Com isso, o trabalho apontou para como essas mulheres passaram a elaborar músicas de capoeira que abordassem a realidade e (re)significam cantigas tradicionais que colocam a mulher como inferior nessa manifestação corporal.

### **Vislumbrando Novos Horizontes: Identidade, Gênero e Relações Étnico-Raciais**

A partir das experiências relatadas, observo novos horizontes relacionados à representação de mulheres no Grupo Abadá. Para além das questões de gênero, observo discussões acerca das relações da cultura africana na constituição da nossa identidade. Desenvolvida não apenas por mulheres negras, nem mesmo como uma forma de sobrepor um estilo ou características de identidade, mas como uma forma de conscientização e respeito pelas diferenças, sejam elas na cor da pele até mesmo na forma de usar o cabelo. E essa conscientização vem sendo desenvolvida por meio da convivência, por uma questão de influência até mesmo pela maioria das mulheres do centro de ensino ser negras e se reconhecerem como negras.

Albuquerque (2016) realizou um trabalho etnográfico evidenciando a capoeira como marca identitária das mulheres capoeiristas, apresentando a resistência feminina como uma característica das mulheres que se faziam presente, mostrando que para elas

estar ali era se colocar em uma luta contra as desigualdades de gênero. Há muitas barreiras a serem quebradas e que as mulheres negras ainda enfrentam para que possam ter acessibilidade a certos espaços, pois ainda existem preconceitos por razões históricas e (in)visibilização que se faz presente e que são reforçados e legitimados por estruturas e relações de poder (PINHEIRO, 2019). Albuquerque (2016) destaca a prática da capoeira como um instrumento de valorização da identidade étnica-racial dessas mulheres.

Quanto às diferentes realidades dentro dos centros de treinamentos e o tratamento voltado para o público feminino conforme os estudos de Fernandes e Silva (2008) o respeito e aceitação de mulheres capoeiristas é diferente nas rodas organizadas pelo grupo que elas integram, sendo de noventa e oito por cento tal aceitação, enquanto que a aceitação e respeito dentro de espaços e rodas organizadas por outros grupos de capoeira é de somente trinta por cento. Com base nesse dado as autoras apresentam que a rivalidade entre os grupos é um fator determinante no tratamento destinado às mulheres.

São inúmeros os fatores determinantes do preconceito voltado para a participação feminina na capoeira, somado ao fator da rivalidade entre grupos, ou até mesmo ao simples fato de diferenciação de tratamento ou quantitativo que se diferem por questões regionais e culturais, nos estudos de Pereira e Marchi Júnior (2019) foi possível perceber a existência de preconceitos na capoeira em relação a participação feminina, impasses como a dificuldade em caracterizar o corpo feminino dentro da capoeira ao longo da história, e que existem barreiras que ainda precisam ser transpostas e superadas tanto pelos agentes quanto pela própria capoeira pois dessa forma o peso da luta pela equidade não recai nas costas das mulheres, mas sim ao meio ao qual integram para que dessa forma haja inserção e visibilidade da mulher nesse espaço.

A importância da criação e destaque dessas categorias é também uma forma de compartilhar essas reflexividades e representações com públicos do meio e de fora da capoeira com a finalidade de continuar difundindo a importância da representatividade feminina e o que isso representa e reflete em outros espaços, inclusive na escola que é um ambiente propício para se trabalhar a inclusão, auto aceitação e valor histórico e cultural através da prática que envolve a gestualidade, ludicidade, musicalidade, integração e socialização.

Fernandes e Silva (2008), ao desenvolverem uma pesquisa voltada à análise da participação feminina nas aulas e rodas de capoeira na cidade de Campinas/SP, e a partir de questionário aplicado constataram que, atualmente, os familiares têm maior aceitação quanto à participação de suas filhas, esposas ou mães, chegando a 65% essa aceitação, no entanto, 30% das mulheres afirmaram que não há boa aceitação por parte de seus familiares quanto a sua participação como capoeirista, principalmente, àquelas que iniciaram sua prática há mais tempo (FERNANDES; SILVA, 2008).

A adequação da prática em meio à realidade de cada contexto sociocultural não se desvincula ou modifica o processo histórico antecedente. A forma que se deu a constituição da capoeira e a forma que a herança de preconceitos relacionados ao corpo feminino e seu comportamento está presente no meio social não deve ser ignorada ou desconsiderada por razão de que as conquistas estão sendo alcançadas.

[...] em seu caráter antissexista, entendendo mesmo em seu contexto o feminismo angoleiro como uma evidência de construção da equidade sócio-cognitiva e que posiciona a vida das mulheres negras num gingar que, como num jogo infinito, tem o propósito de nos manter em movimento, lutando-jogando (ARAÚJO, 2017, p. 12).

Mesmo com a identificação de representações e da importância delas, com superação e transformações que tivemos até aqui, acredito que ainda há muito que se conquistar, dentro do espaço de treino, na roda, nos eventos, na sociedade, e na capoeira

mesmo com a participação significativa das mulheres nos últimos anos. Houve a desconstrução de muitos preconceitos dentro de vários contextos e locais, mas ainda há o que ser desconstruído dentro e fora da capoeira, e digo isso porque estou me baseando nas experiências principalmente que tenho dentro dos centros de ensino que faço parte aqui no Vale do Araguaia, mas entendendo que a realidade nos centros de ensino em outras regiões e estados podem ser diferentes das que se materializam no grupo que faço parte.

Importante, então, perseguir caminhos férteis para que as relações de poder no interior da capoeira (e, além dela) sejam identificadas, analisadas e desafiadas, como preconizam os Estudos Culturais Físicos. Aponto essa investigação como um pontapé inicial para que essas relações passem a ser desafiadas ainda mais, não só textualmente, mas no campo prático em que essas experiências são constantemente negociadas no grupo entre meninos e meninas, homens e mulheres que ali gingam. Com isso, pretendo mostrar que a capoeira pode ser um local em que tais relações de gênero e de raça que atravessam o corpo estão visíveis, o que exige esforço e olhar atento as formas como o poder é (re)produzido ou transgredido nas rodas de capoeira.

### **Considerações Finais**

O objetivo do artigo foi de analisar, por meio de relato autoetnográfico, experiências junto ao Grupo Abadá Capoeira no Vale do Araguaia, buscando problematizar questões sobre corpo, gênero e capoeira. Para tanto, a pesquisa fez uso do estudo autoetnográfico (SPRY, 2001), respaldado em retomar episódios que integraram o percurso da primeira autora dentro do grupo de capoeira. A partir da problematização de como tais experiências contribuíram para a constituição de sua subjetividade, discussões foram construídas no sentido de apontar para as relações de poder permeadas

por dimensões culturais relacionadas ao corpo na capoeira. Essa visualização deu-se a partir das contribuições dos ECF que discutem a cultura como elemento essencial que trata da constituição dos corpos em meio às relações de poder que influenciam a subjetividade humana (ANDREWS, 2008; SILK; ANDREWS, 2011).

A tríade – corpo, cultura e poder – como base orientadora para análises do universo da capoeira, apresentou diversas possibilidades, a exemplo de metodologias inovadoras, dada a atenção para a subjetividade do/da pesquisador/pesquisadora no interior da construção intelectual. Essa construção é multidirecional e não atinge somente o sujeito que escreve, mas, outros que fazem parte do processo de reflexividade. Sendo assim, essa abordagem proporcionou um direcionamento e moldou meu trabalho que segue a proposta de Andrews (2008), baseado na compreensão de como corpos são organizados, experimentados e representados em meio às relações de poder.

A partir das categorias apresentadas, as reflexões visaram desconstruir representações do corpo feminino que se tornaram naturais, ao longo da história, no interior da capoeira e também no meio social no qual há formas de preconceitos, estereótipos e resistência à prática. É possível perceber que houve um avanço quanto à participação de mulheres na capoeira, o que trouxe visibilidade e reconhecimento. Porém, é importante destacar que tais conquistas não se deram ao acaso, são resultantes das diversas lutas por espaço, construídas por mulheres, em sua coletividade.

Como destaques da construção da subjetividade da pesquisadora, ressaltamos a importância de episódios vividos no interior do Grupo Abadá, bem como experiências posicionadas para além dele, como a participação no Encontro Feminino. A forma como tais acontecimentos foram conduzidos, despertaram olhares críticos, essenciais para compreender a representatividade e trabalhos que valorizem a capoeira dentro de sua

pluralidade, a partir das lutas de gênero. Daí a importância de pesquisas que se preocupem com temáticas que relacionem o corpo e suas representações de gênero em diferentes espaços, inclusive na escola, a partir de práticas corporais como a capoeira.

Ainda que o exercício autorreflexivo contribuiu para o encaminhamento da pesquisa e constatações relevantes, muitas verdades ainda estão postas, visto que essa relação de desconstrução e desnaturalização dos corpos é algo constante. Devido a isso, decorrente da pesquisa que fornece elementos teórico-metodológicos que orientam a compreensão das relações entre corpo, gênero e capoeira, a ideia de continuidade pode ser pautada no desenvolvimento da elaboração de uma proposta pedagógica que esteja centrada nas categorias desenvolvidas, com o intuito de, no futuro, problematizar tais questões nas aulas de educação física. Por fim, destacamos os modos pelos quais a pesquisa nos despertou, em diversas etapas, à preocupação em reconhecer a democratização, a acessibilidade de práticas e a visibilidade de corpos por meio da forma como esses se constituem em suas dimensões sociais e históricas, em especial, a partir de disputas culturais que fazem parte dessa construção.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. T. **Vem Jogar, Mulher: Uma Análise Sobre a Participação Feminina Na Capoeira**. 2016. 64 f. Monografia (Especialização) - Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Unilab, Redenção-CE, 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1188> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

ANDREWS, D. L. Kinesiology's inconvenient truth: the physical cultural studies imperative. **Quest**, v. 60, n. 1, p. 46-63, 2008.

ANDREWS, D. L.; SILK, M. L. Physical Cultural Studies on sport. *In*: GIULIANOTTI, Richard. (Ed.). **Routledge Handbook of the Sociology of Sport**. Londres: Routledge International Handbooks, 2015. p. 83-93.

ARAÚJO, Rosângela Costa. Ginga: uma epistemologia feminista. **Anais...** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 Mundo de mulheres, Florianópolis, 2017.

ARCANGELO, A. **Plano de Assessoria de Comunicação para a Associação Barra-garcense de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira (ABADAC) Engajamento em Busca da Visibilidade Social**. 2019. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças-MT, 2019.

BARBOSA, M. J. S. A Representação da mulher nas cantigas da capoeira. In: **PortugueseLiterary& Cultural Studies**, n. 19/20, p. 463-477, 2011.

BRAGA, J. C. F.; SALDANHA, B. S. Capoeira: da criminalização no código penal de 1890 ao reconhecimento como esporte nacional e legislação aplicada. **Anais... XXIII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI/UFPB**, 2014, João Pessoa - Pb. Disponível em: <<http://publicadireito.com.br/publicacao/ufpb/>>. Acesso em: 18. Nov. 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FERNANDES, C. C. SILVA, P.C. da C. Um Estudo Sobre a Participação Feminina Na Capoeira em Campinas/SP. **EFR-Educação Física em Revista**. v. 2, n. 2. 2008. Disponível em: <<https://bdtd.ucb.br/index.php/efr/article/view/975>> Acesso em: 25 nov. 2019.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GIARDINA, M. D.; NEWMAN, J. I. Physical Cultural Studies and Embodied Research Acts. **Cultural Studies – Critical Methodologies**, v. 6, n. 1, p. 523 –534, 2011.

GLÓRIA, E. Capoeira: sua história e as relações de gênero. **Anais... XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio Memória e Patrimônio**. 2010. Disponível em: <<http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/site/anaiscomplementares>> Acesso em: 25 de novembro de 2019.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: Guacira Louro; Jane Felipe Nekl; Silvana V. G. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petropolis: Vozes, 2013, p. 29-42.

KING-WHITE, R. Ethnographic approaches. In: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. London and New York: Routledge International Handbooks, 2017.

LARA, L. M. et al. Resenha de Routledge Handbook of Physical Cultural Studies. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s.l.], v. 41, n. 2, p.229-230, abr. 2019.

LARA, L. M.; RICH, E. Os estudos de cultura física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p. 1311-1324, out./dez. de 2017.

LOTT, W. P. A capoeira no Brasil: da proibição à salvaguarda. **Licere**, [S. l.], v. 21, n. 4, p. 450–470, 2018. DOI: 10.35699/1981-3171.2018.1949. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1949>. Acesso em: 14 abr. 2021.

MAGALHÃES FILHO, P. A. **Jogo de Discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana**. 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal

da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2011. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30810/1/jogo-de-discursos-\\_a-disputa-por-hegemonia-na-tradicao-da-capoeira-angola-baiana-paulo-magalhaes.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30810/1/jogo-de-discursos-_a-disputa-por-hegemonia-na-tradicao-da-capoeira-angola-baiana-paulo-magalhaes.pdf)> Acesso em: 21 de janeiro de 2020

MARANI, V. H. O (re)conhecimento do corpo nos estudos culturais físicos: a pesquisa (in)corporada como meio para a visibilidade social. In: Simpósio estudos culturais na educação física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade, 1, 2019, Maringá. **Anais [...]** Maringá: Gpcc, 2019. p. 35 – 42.

MARKULA, P.; DENISON, J. Sport and the Personal Narrative. In: ANDREWS, D. L.; MASON, D. S.; SILK, M. L. (Org.). **Qualitative methods in sports studies**. Oxford e New York: Berg, 2005. p. 165-184.

MARTINS, S. E.; LUIZ, M. E. T.; FRANZONI, W. de C. C.; TAVARES, L. M.; MARINHO, A. Um Olhar Feminino sobre a Mestria e a Participação da Mulher na Capoeira da Grande Florianópolis. **Licere**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 385–407, 2021. DOI: 10.35699/2447-6218.2021.31340. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/31340>. Acesso em: 14 abr. 2021.

OLIVE, R. The political imperative of feminism. In: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. Londres e Nova York: Routledge International Handbooks, 2017.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero**: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

PEREIRA, T. A.; MARCHI JÚNIOR, W. Capoeira: a representação da mulher nessa arte-luta brasileira. **Pensar a Prática**. v. 22. 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/pef/article/view/53601>> Acesso em: 20 jan. de 2020.

PINHEIRO, C. M. G. “Esse Gunga é Meu!”: A Ginga Feminista e as Mudanças Na Tradição na Capoeira Angola. **Anais... XV Enecult- Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. 2019. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111842>> Acesso em: 25. Nov.de 2019.

RICH, E. Exploring the relationship between pedagogy and Physical Cultural Studies: the case of new health imperatives in schools. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n.1, p. 64-84, 2011.

RICH, E.; SANDLIN, J. A. Physical cultural studies and public pedagogies. In: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. London and New York: RoutledgeInternationalHandbooks, 2017.

SANTOS, L. S. **Capoeira**: expressão de identidade e educação. In: Larissa Michelle Lara. (Org.). **Abordagens Socioculturais em Educação Física**. Maringá: Eduem, 2010.

SILK, M.; ANDREWS, D. L. Toward a Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n.1, p. 4-35, 2011.

SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. Introduction. In: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.) **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres e Nova York: Routledge International Handbooks, 2017. p. 1-12.

SILVA, L. M. F.; DARIDO, S. C. Capoeira. In: González, F. J.; Darido, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.) **Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017.

SPRY, T. Performing Autoethnography: an embodied methodological praxis. **Qualitative Inquiry**, (s.l.), v.7, n.6, p.706-732, dez. 2001.

THORPE, H; BARBOUR, K.; BRUCE, T. “Wandering and Wondering”: Theory and Representation in Feminist Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, [s.l.], v. 28, n. 1, p.106-134, 2011.

THORPE, H.; MARFELL, A. Feminism and the Physical Cultural Studies Assemblage: Revisiting Debates and Imagining New Directions. **Leisure Sciences**, [s.l.], v. 41, n. 1-2, p.17-35, 2019.

**Endereço dos(as) Autores(as):**

Pâmela Figueiredo Barbosa de Araújo  
Endereço Eletrônico: pamela.amazonas25@gmail.com

Mauro José de Souza  
Endereço Eletrônico: maurimsouza@gmail.com

Vitor Hugo Marani  
Endereço Eletrônico: vitorhmarani@gmail.com